



AS RELAÇÕES CULTURAIS: MÍDIA E CORPO ENTRE OS KARAJÁ

Ana Paula de Melo Silva – UFG

Resumo - Este trabalho surgiu da inquietação sobre as conturbadas relações entre índios e não-índios, de forma que consideraremos o corpo como expressão das mudanças históricas, referentes aos índios. Para além no que se refere à Educação Física, a preocupação pela pesquisa surgiu pelo fato de lidarmos todo o tempo com corpos mercadológicos, estes que se valorizam por marcas e imposições, a partir disso „imagina-se” que tudo o que esteja vinculado a corpo e cultura, e que faça parte da sociedade ocidental, passe por um processo de super valorização de „modelos” midiáticos. Deste modo, presume-se que em qualquer tipo de contato seja inevitável que algum tipo de intervenção aconteça. A etnia pesquisada corresponde aos Karajá, da cidade de Aruanã – Goiás, durante a pesquisa apresentaremos a interpretação Karajá e as possíveis relações que eles estabelecem na sociedade ocidental capitalista.

Palavras-chave: cultura, corpo, indústria cultural, trabalho, história

Abstract - This work emerged of restlessness about the troubled relations between Indians and non-Indians, in a way that we consider the body as an expression of historical changes, referring to the Indians. To beyond with regard to physical education the concern from the research stemmed from the fact we deal with mercadologic bodies all the time, these are valued itself, by marks and impositions, from that 'it is imagined' that everything is bound to body and culture, and that is part of Western society, go through a process of a big valuation from 'models' midiatic. Thus, it is assumed that in any kind of contact is unavoidable that some kind of intervention happens. The ethnicity studied is referred to the ethnicity Karaja corresponds to the city of Aruana - Goiás, during the work, we will present interpretation under how we read the Karaja body of the people and the possible relationships they establish in Western capitalist society.

Keywords: culture; body; culture industry, work, history

INTRODUÇÃO

Este estudo traz a história dos índios Karajá como contexto no qual se desenvolve as relações sociais e culturais que dão textura a este trabalho. As relações sociais deste povo através do trabalho esta sendo estudada em reflexo com seu corpo na expressão da tradição. As relações culturais, por outro lado, podem ser observadas e discutidas a partir da categoria





Indústria Cultural quando esta expressa o corpo e os interesses que estão relacionados a ele nesse tipo de sociedade.

A pesquisa traz uma discussão das concepções de corpo, tentando compreender as relações de trabalho e a Indústria Cultural com os sujeitos Karajá. As relações de trabalho para este povo possuem características as quais, quando comparadas ao modelo de produção capitalista são bem semelhantes. Isto foi e esta sendo identificado ao longo da pesquisa em razão do modo de vida desse povo, totalmente vinculados as questões de venda e compra do que é pescado ou construído por eles na aldeia, não obstante temos também as relações de patrão e proletariado, sendo muitos os índios que se sujeitaram ao mercado de trabalho.

É interessante ressaltar que cada povo servirá de seus corpos de maneira peculiar, portanto, as práticas corporais indígenas são características dessas particularidades que diferenciam os povos, isto acontece por existir uma diversificação de ritos e simbologias





ligadas ao “corpo”, lembrando que este, a todo o momento se liga ao sagrado. Para entendermos tal diversificação, partimos da concepção de técnicas corporais para Mauss (1989), “*sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos*” a partir daí é que nos sentimos instigados em ir além do que podemos enxergar, Soares (2007) nos aponta que

É pensar o humano a partir das práticas culturais voltadas ao corpo, sobre as formas como os seres humanos constroem seus modos e costumes, seus valores, suas técnicas corporais, suas práticas de alimentação, saúde, sexo, educação. Em cada gesto, uma sombra; em cada movimento, uma intenção. (SOARES, 2007, p. xi)

Para além dos corpos mercadológicos, o próprio quadro histórico no qual estive inserida quando criança me influenciou a pensar as questões do corpo ultrapassando as construções levianas que têm sido colocadas sobre o corpo, isto pelo fato de pensá-lo a partir dos corpos que são discriminados de algumas formas, daí então o porquê de não estudar o corpo indígena e as possíveis influências da mídia sobre estes. Vez que ao nos remetermos a estes já os mencionamos com certos pré conceitos/preconceitos quando, na verdade, deveríamos agradecê-los por tamanhos ensinamentos.

O POVO KARAJÁ

Relatar os Karajá pelo viés histórico é super interessante por estarmos lidando com as histórias corporais “vivas” no cotidiano goiano, mas, sobretudo na tradição que é mantida por esse povo. Por mais que estes estejam no convívio efetivo com o “não índio”, sua sabedoria é resguardada pelo contanto que este povo faz com o que é natural.

O povo Karajá é dotado de insígnias e valores particulares o que requer certo cuidado e respeito ao nos remetermos às histórias, mitos e verdades sobre este povo tão rico culturalmente. É fantástico como o corpo a todo o momento é enaltecido, principalmente no que se refere aos rituais, a separação do trabalho de acordo com as relações de gênero, as formas de sobrevivência. Podemos afirmar que o corpo para este povo é mais que emblemático, é o sagrado, é o símbolo. Para Alves (2009),





O simbolismo na cultura Karajá está inerente em diversos momentos da vida do povo. Na prática tradicional da modelagem de objetos em cerâmica, por exemplo, o que se pode perceber é a representação social, cultural e histórica do povo, seja nos objetos utilitários e cerimoniais que acompanhavam os ciclos de vida e de morte, ou mesmo nas bonecas as quais representam figuras humanas com a sua pintura corporal, temas mitológicos, rituais, vida cotidiana, fauna, mantendo traços de sua cultura nos artesanatos. (ALVES, 2009, p. 27)

A aldeia Karajá escolhida para ser pesquisada está localizada na cidade de Aruanã – Goiás, Buridina Mahãdu, a qual faz parte do cenário de um braço do Rio Araguaia. Para que entendamos o contexto histórico deste povo, é preponderante que apresentemos algumas questões. Por ser banhada pelo Rio Araguaia, a cidade nas épocas da seca se torna centro turístico para banhistas e pescadores, especialmente, no mês de julho o que acaba afetando toda rotina da aldeia. Vale ressaltar que por mais que exista este contato, os Karajá não deixam de serem os Karajá, pelo contrário, dentro de um processo dialógico, tanto transmitem traços culturais para os „não índio“ quanto, também, absorvem traços culturais deles.

No que se refere à convivência com os “não índio”, é interessante enfatizar a passividade existente. Aquela imagem de guerra, índios nus e um processo de catequização já não mais existem não mais da forma como vemos nos livros didáticos, porém, cabe ressaltar que qualquer forma de contato deixa marcas e alguns traços acabam por se tornar permanentes, vez que ao decorrer do trabalho mais algumas questões serão estabelecidas.

Os mitos são de certa forma regentes no mundo dos Karajá. Estes existem como forma de justificativa social e ritualística, sendo que para além do mito da origem, outros mitos são contados entres estes como o recomeço e o extermínio dos Karajá, a origem do Sol, da Lua, a morte, a pesca, as mulheres guerreiras, aos tratamentos com o corpo, dentre vários outros.

Para uma mesma história, a origem dos Karajá, existem várias versões mitológicas. Esta que contaremos sobre a origem dos Karajá nos foi contada, em uma conversa informal, pelo atual cacique Raul Hawakati Karajá, evidenciando a presença mitológica que é a todo tempo citada visto que será pelo mito que apresentaremos os Karajá. Vale notar que





Para o povo Karajá a água é vida, é como o sangue que corre em suas veias, por isso a forte relação deste com a água. E também, os relatos mitológicos de que o povo Karajá surgiu das águas. [...] Nesse sentido, os Karajá faz suas múltiplas leituras, visto que os mitos não pertencem a um determinado tempo ou espaço, mas a sua história, e, também, são heranças e representam à imagem e os pensamentos do povo. (ALVES, 2009, p. 25 e 27)

Pelas entrevistas e conversas feitas na aldeia os Karajá afirmam que possuem um grau de parentesco com o peixe Aruanã, conhecido por eles como Ijasò¹. Ele vivia nas profundezas do Rio Araguaia e por mais que se sentisse feliz no fundo do rio, gostaria de conhecer a parte de cima, onde existia um brilho intenso. Foi aí que teve a idéia de ir até o alto, sair do rio e conhecer o que existia naquele lugar, desvendar segredos, para posteriormente compartilhar com os demais. Ele sentiu, então, uma transformação em seu corpo e transformou-se em Iny, Karajá.

Deslumbrado com as belezas da terra, Iny jamais se esqueceu dos conselhos do velho e sábio pajé, conheceu os pássaros, as árvores, as flores e o mel, resolveu então voltar ao fundo do rio e contar aos demais as belezas e graciosidades que encontrará na terra. Ao chegar à sua morada contou aos demais Ijasò o que tinha desfrutado na terra, porém advertido pelo pajé, estes ficaram cientes de que tudo naquele lugar não passava de ilusão, mesmo assim muitos tomaram a decisão de virem construir morada na terra e, assim, o fizeram.

Chegando a terra firme ficaram encantados com transformação que “sofreram”, de peixes se tornaram homens, com as belezas que não existiam no fundo rio. Como nem tudo era perfeito morreu o primeiro Karajá. Até então, eles nunca tinham tido contato com a morte, pois eram detentores da imortalidade no fundo do rio. Assustaram-se, quiseram voltar, mas não puderam. A partir daí passaram conhecer as particularidades da terra e suas traiçoeiras armadilhas.

Afirma-se que assim foram morrendo, foram se dividindo e formando pequenas aldeias ao longo do percurso do Araguaia, dessa forma ao se estabelecerem as tradições foram

¹ *Ijasò* – Peixe que vive no fundo do Rio Araguaia, conhecido também por Aruanã, acredita-se que os Karajá estão diretamente ligados a eles, portanto estes possuem ligação com o sagrado na comunidade, até mesmo oferendas lhes são ofertadas. Karajá significa povo vindo da água, portanto a água está diretamente ligada com o sagrado também.





se firmando, costumes, e rituais se iniciaram. Ao longo das andanças pela terra os Karajá encontraram os „não índio“, estes tentaram das mais diversas formas catequizá-los, de fato ocorreu resistência, porém esta ainda ocorreu.

Os Karajá possuem em suas características traços peculiares que lhes renderam uma diferenciação dos Tupis, sendo chamados então de Karajá, até mesmo no que se refere à linguagem, estes possuem um tronco lingüístico próprio, o Macro-Jê, sendo assim até mesmo no que se refere a tradições estes são totalmente individualizados e autênticos. Se tratando da autenticidade, a linguagem lhes é tão particular que existe diferenciação acerca das falas masculinas e femininas, o que nos foi relatado pelo atual cacique da aldeia Buridina, Raul Hawakati.

Ainda retratando a diferenciação por gênero, existem também às divisões acerca do contexto familiar estes seguem a idéia matriarcal e matrilocais, ou seja, as filhas vivem na casa da mãe até mesmo quando casadas, vez que os filhos são quem formam novas unidades familiares², no contexto cotidiano as mulheres ficam em um lugar estabelecido, *hirarina* (pátio das mulheres) e os homens para suas conversas também são detentores de um local específico *ijoina* (pátio masculino) e também a casa dos *Ijasò'*, as questões do trabalho também são significativas, Lima Filho (2006) nos coloca que:

Aos homens cabem a defesa do território, a abertura das roças, as pescarias familiares ou coletivas, as construções das casas de moradia, as discussões políticas formalizadas na Casa de Aruanã ou praça dos homens, a negociação com a sociedade nacional e a condução das principais atividades rituais. As mulheres são responsáveis pela educação dos filhos até a idade da iniciação, para os meninos, e permanentemente pela educação das meninas. São incumbidas dos afazeres domésticos: cozinhar, colher produtos da roça, cuidar do casamento dos filhos (normalmente gerenciado pelas avós), confeccionar as bonecas de cerâmica – que se tornaram importante renda familiar fomentada pelo contato – e ainda pintar e ornamentar as crianças, as moças e os homens para os rituais do grupo. (LIMA FILHO, 2006, p.144 e 145)

Os Karajá vivem ao longo do percurso do Rio Araguaia, sendo conhecido como Vale do Araguaia. Segundo Lima Filho, ao traçarmos uma linha imaginária no centro da Ilha

² LEITÃO, Rosani Moreira. *Educação e Tradição: o significado da educação escolar para o Povo Karajá de Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal-TO*. (Dissertação de Mestrado em Educação Escolar Brasileira, Universidade Federal de Goiás). Goiânia: UFG, 1997. P. 11.





do Bananal, os Karajá serão divididos em o povo de cima, Ibòò Mahãdu e o povo de baixo, Iraru Mahãdu.

No que diz respeito à divisão existem três grupos; os Karajá do norte e do sul, segundo Moreira Leitão (1997), os Karajá propriamente dito, Xambioá e Javaé, adicionalmente o rio é usado como principal eixo de referência e para orientação espacial, já para Toral (1992) os Karajá se dividem em Karajá da região mediana da Ilha do Bananal, as aldeias que se localizam nesta região são Santa Isabel do Morro, São Domingos, Itxala e Hawalòra, Karajá Meridional, estes são os que vivem ao sul da Ilha do Bananal, na região que vai de Aruanã (GO) a Luiz Alves (TO), e Karajá Setentrional.

Segundo Pimentel da Silva (2009) os Karajá atualmente são encontrados nos estados de Goiás, Tocantins, Mato Grosso e Pará, vez que estima-se uma população de 3000 pessoas, em 19 aldeias, é interessante ressaltar que a maior concentração de Karajá sempre esteve localizada na Ilha do Bananal sendo esta a aldeia mais isolada.

Segundo Salera Júnior (2009), a população Karajá atualmente é estimada em mais ou menos 3.850 (três mil e oitocentos e cinqüenta) pessoas, sendo os Karajá propriamente dito os mais numerosos, aproximadamente 2500 pessoas, os Javaé possuem um número de 1100 pessoas, estes vivem na Ilha do Bananal, já os Xambioá é constituinte do menor número, 250 pessoas. Este número é de certa forma relevante, na aldeia Buridina, relatado em entrevista residem 36 famílias, aproximadamente 200 pessoas, vez que este quadro da aldeia é composto por índios e “não índios”, apesar das divisões em subgrupos os Karajá se consideram como um só povo.

As práticas corporais são realizadas de forma peculiar e particular por cada etnia uma vez que estas são efetivadas pelas simbologias do corpo e concretizadas pelas ações realizadas





com estes corpos. Dentro dessas sociedades é independente de classe ou divisão social, por exemplo, no contexto indígena por mais que existam divisões acerca do gênero, todos participam dos rituais, por mais que seja de forma secundária. Estas são regidas por uma ordem social que possui estreita relação com o mundo espiritual no que diz respeito ao sobrenatural. Esta caracterização são as simbologias e os significados deste povo, sendo assim alguns símbolos são identitários do povo Karajá, um deles é o círculo nas maçãs do rosto.

As duas principais datas na aldeia Karajá correspondem a Festa de Aruanã e a Festa do Hetokuhoky³, a antecipação das comemorações acarretam movimentações atípicas na aldeia (isto na Ilha do Bananal), vez que a produção de artefatos para venda são paralisadas para daí então a preparação efetiva dos rituais.

INDÚSTRIA CULTURAL: um conceito útil de análise.

O termo Indústria Cultural foi utilizado de forma bastante notória por Adorno e Horkheimer por volta de 1947, no livro “Dialética do Esclarecimento”, isto por que o mundo estava passando por significativas mudanças “tecnológicas” o que foi relacionado com o capitalismo monopolista. Tal termo está fidedignamente voltado para o “adestramento de corpos mercadológicos” como se deu (e ainda acontece) na „modernização“ das fábricas na Revolução Industrial.

A idéia de semelhança que paira sobre nós é instigante por sempre garantir que “Você é Capaz”, “Você Pode”, “Isso é por que Você Merece”, uma vez que as mensagens transmitidas são pertinentes ao homem somente como consumidor, e não como ser dotado de sabedoria capaz de criticar e se emancipar do que lhe é obscuro, isso por tamanho condicionamento que vem sofrendo ao longo de toda a vida.

Existe também uma falsa idéia de independência sendo esta, justamente a afirmação do poder absoluto do capital, as diferenças de classes ficam implícitas, pois pela

³ É importante ressaltar que na cultura Karajá há uma diferença na linguagem, algumas palavras são diferentes no contexto feminino, uma destas é a referência ao ritual *Hetokuhoky* (fala feminina) e *Hetohoky* (fala masculina).





mídia parecemos assim todos iguais, não passando de medíocres aos olhos dos burgueses, “a novela da TV é a mim semelhante” e a cada dia que passa as influências aumentam, confirmando a idéia hegemônica transmitida pela mídia, segundo Adorno e Horkheimer;

O cinema e o rádio não precisam mais se apresentar como arte. A verdade que não passam de um negócio, eles a utilizam como uma ideologia destinada a legitimar o lixo que propositalmente produzem. Eles se definem a si mesmos como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores gerais suprimem toda a dúvida quanto à necessidade social de seus produtos. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p.114)





Para que possamos compreender o que realmente é a Indústria Cultural é fundamental resgatar pelas idéias de Adorno e Horkheimer e a história que se fez para que o surgimento de tal, se tornasse um apogeu e conseqüentemente alienante. A princípio Betti (1998) nos aponta que

[...] A educação tem a ver com a *perfectibilidade humana*, porque o homem é um ser incompleto, é um ser carente, é um ser aberto. [...] Na prática e nos discursos da educação e da educação física, nas suas relações com o esporte e a televisão, há valorações, mesmo que não explícitas. Há sobretudo a atribuição apressada e maniqueísta de valores do tipo: “bom” ou “ruim”, “educativo” ou “deseducativo”. (Grifo do autor, Betti, 1998, p. 21)

Adorno e Horkheimer (1985) afirma que a partir de projetos urbanos, informativos, e até mesmo educativos inicia-se a sustentação da alienação dos homens, os bens oferecidos aos consumidores são padronizados, isto para que pensemos nos ideais de igualdade, “desfazendo” assim do real, que seriam as classes, burgueses e proletários.

Inúmeras são as Ideologias oferecidas, desde o ideal de etiqueta a ser seguido até composições milagrosas para manutenção do corpo de acordo com que se tem posto, também na mídia. O contexto eugênico e higiênico acabou por se tornar subliminar nos contextos do cinema, do rádio, da televisão. Seria esta a famosa racionalidade técnica, ou seja, „esta colocado e só seguir“, assim

A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação. Ela é o caráter compulsivo da sociedade alienada de si mesma. [...] a técnica da indústria cultural levou apenas à padronização e à produção em série, sacrificando o que fazia a diferença entre a lógica da obra e do sistema social. (ADORNO & HORKHEIMER, 1985, p. 114)

Um “*Esquematismo*” gere a Indústria Cultural, isto para produção do ideal de pessoas, independentes; por poderem comprar o que desejar, sem distinção de classe; livres, podendo ter acesso a tudo; e libertas, por poder usar o tudo da forma como pretender. Sendo assim é interessante ressaltar que aqueles que compõem a conjuntura administrativa da





Indústria Cultural, tem o perfeito entendimento acerca do manuseio social, isto por estarem sempre buscando formas de sustentação da alienação, para conservação do poderio do sistema capitalista.

Ao contextualizar com a realidade ocidental pensemos no ambiente de um shopping center, qualquer um; a estrutura deste local geralmente é circular, de forma que as pessoas que freqüentam, andem por horas sem perceber que o tempo passou; vitrines impecáveis para que a visão do consumidor seja direcionada a mercadoria, daí então temos a idéia de fetiche, ou seja, a manutenção da mercadoria para maior acúmulo de capital, sendo assim podemos afirmar que a televisão é uma forma de produção e manutenção do fetichismo, pelo fato de propagar o que temos que comprar no tal shopping.

RELAÇÕES CULTURAIS – Mídia e Corpo.

Ao falar da história do corpo e suas relações com a mídia é necessário que façamos uma reflexão do corpo e sua integração nas mais diversas idéias e relações sociais que se propõem a construir o corpo na sociedade. Para Medina (1990), *“Há, entretanto, uma relação dialética entre o individuo e a sociedade, entre a consciência e a estrutura social, entre o corpo e a infra-estrutura sócio-econômica, que precisa ser resgatada.”*

As múltiplas faces das dobras do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, no vestuário, nos objetos, mas, sobretudo, no corpo. Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades. É sempre submetido a normas que o transformam, assim, em texto a ser lido, em quadro vivo que revela regras e costumes engendrados por uma ordem social. (SOARES, 2006, p. 109)

É indissociável falar de homem e nos remetermos ao seu “corpo”. O corpo e sua historicidade nas sociedades já vêm sendo estudado ao longo dos tempos, vez que o contraditório permeia todo o conjunto da discussão, sendo assim é necessário um resgate histórico para que possamos entender o contexto que rege o povo Karajá. Soares (2006) nos





aponta que tudo o que rege o cenário que o corpo está inserido contribui então para o entendimento deste, principalmente no que se relaciona com as particularidades de tal.

Pensar a história do corpo tendo por referência Baptista (2009) há uma apresentação de uma interessante cronologia:

Corpo Dual: este pensado por Platão, Santo Agostinho e Descartes;

Corpo Máquina: apresentado pelos autores de uma Concepção Biológica, Le Mettrie e Descartes;

Corpo Disciplinado: questões postas por Foucault;

Corpo Veículo de Comunicação: isto pela expressão da subjetividade, Merleau-Ponty;

Corpo Pulsão/Corpo Linguagem: expresso pela idéia da psicanálise, Freud;

Corpo Histórico: determinado pelas relações sociais, Marx e Engels;

Corpo Fetiche: Adorno, Marx e Freud;

Corpo Reificado: Lukács;

Corpo Administrado: Adorno e Horkheimer;

Corpo Pós-Moderno (?): Le Breton, Marzano-Parisoli;

Sendo assim ao contar um pouco de história, a princípio o corpo relatado na Filosofia Antiga, isto pelos escritos filosóficos a partir de uma visão mítica, a exemplo podemos citar a *Ilíada* e a *Odisséia*, nos aponta características de um Corpo Dual, heróico, sendo o sofrimento físico e mental constante, porém inabalável. Estas duas epopéias foram escritas entre o século X e o VII a. C. estas por Homero, nestas também temos as figuras antropomórficas, que são significativas para entendermos a grandeza a que se atribuía não só ao exterior, mas, a poderes incomuns aos seres humanos, corpo idealizado pela força, coragem e virtuoso nos valores.

Na Filosofia Antiga encontramos também os pré-socráticos, filósofos estes que passaram a contemplar o mundo pelo viés da racionalidade, sendo a época voltada para a dicotomia entre espírito e matéria, idéia esta que foi iniciada anteriormente, porém solidificada nesta fase; para Medeiros (1998) esta dualidade corresponde “*como se o espírito*





fosse a consciência da alma, isto é, o espírito seria para a alma o que a mente é para o corpo, como na concepção de Descartes, [...]”.

Ao historiar corpo na Filosofia Medieval, é necessário que percorramos os caminhos da Fé e Razão, do Viver e Morrer, dos Tabus da época e algumas imposições do catolicismo. O corpo seria o templo que jamais poderia ser abalado ou atingido se não fosse à vontade de Deus, além do mais a questão do ser mulher na idade medieval correspondia ao anonimato e a servidão, esse corpo não teria serventia, a não ser procriar.

Pelo viés do cristianismo temos as incógnitas e imposições apontadas a partir da criação do mundo, as relações estabelecidas a partir de Deus, e por sinal estas inquestionáveis, o pecado, o mal, este analisado pela suposta existência do inferno, a alma e a salvação, que se dava pela pureza do espírito, pureza esta que seria o cumprimento das obrigações para com as divindades, na terra representadas pela igreja católica. Segundo Medeiros (1998)

Durante a Idade Média, a investigação filosófica encontrou entraves, muitas vezes intransponíveis, na Cultura Religiosa, segundo a qual todo o conhecimento encontra-se nas Sagradas Escrituras onde estão contidas todas as verdades. Entretanto o binômio fé e razão oculta um importante ponto em comum que é a negação do corpo, na medida em que são privilegiadas a razão e a alma. (MEDEIROS, 1998, p. 43)

No Império Romano tínhamos os corpos servos, estes eram propriedade do senhor, sendo predestinado para viver aquela realidade sem questionamentos, para Medeiros (1998) “O corpo servo, verdadeira ferramenta de trabalho, era tratado como que fazendo parte da riqueza de outros grupos sociais, isto é, um corpo servil. Para este grupo, existia um sistema de gestos específicos que o diferenciava dos demais.”

O corpo na Filosofia Moderna abrange vários autores, Spinoza, Leibiniz e dentre estes: Descartes em que apresenta a idéia de corpo sendo apresentado como “uma substância totalmente dissociada e irreconciliável com a alma, e, por isso, considerado um objeto passível de estudo, o que o tornará um corpo inerte para a anatomia e um corpo máquina, principalmente para a fisiologia” (BAPTISTA, 2001, p. 50).





ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Esta pesquisa consiste em uma monografia de final de curso, se efetivou a partir de quatro visitas na aldeia Buridina Mahãdu em Aruanã – Goiás, se tornando perceptível a necessidade de políticas públicas para a manutenção da cultura dos Karajá, isto pelas fortes influências da indústria cultural na aldeia e até mesmo as formas de relacionamento estabelecido entre índios e “não índios”.

Se tratando da educação física o interessante seria estabelecer durante a graduação links para que possibilite ao graduando a visão ampliada da importância de práticas corporais existentes para além do contexto da sociedade ocidental, de forma que haja respeito às diferentes formas de práticas existentes sem interferências que contribuam para o processo de desaculturação.

Quando duas populações estão em presença uma da outra, cada uma procura interpretar, julgar, os costumes e tradições da outra. Nem sempre tal interpretação ou julgamento se faz de boa-fé. Dêsse modo, os civilizados brasileiros têm determinadas idéias com respeito aos índios e agem segundo essas idéias. Cada sociedade indígena, por sua vez, faz uma imagem da sociedade civilizada e atua segundo essa imagem. (MELLATI, 1970, p. 173)

As visitas nos possibilitaram perceber que as relações de trabalho estabelecem as convenções sociais entre índios e „não índios“, sendo que atualmente a renda da aldeia se dá pela venda do artesanato e do pescado, portanto o formato que se vive na aldeia está totalmente relacionado com a sociedade dos „não índio“, o que influencia de alguma forma para a desconstrução da cultura Karajá e manutenção da sociedade ocidental capitalista.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.





ALVES, Eder Vasconcelos. *Karajá: a história de um povo em seu corpo*. Que pensa, que fala e que reivindica. Monografia – Universidade Estadual de Goiás, 2009.





BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. **Educação do corpo:** produção e reprodução. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Goiás: Faculdade de Educação, 2007.

BAPTISTA, Tadeu João Ribeiro. *Procurando o Lado Escuro da Lua:* implicações sociais da prática de atividades corporais realizadas por adultos em academias de ginástica de academia. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira) – Universidade Federal de Goiás, 2001.

BETTI, Mauro. **A janela de vidro:** esporte, televisão e educação física. Campinas, SP: Papirus, 1998. Bruni.

GRANDO, Belení S. (Org.). **Educação, corpo e cultura:** práticas sociais e maneiras de ser. Ijuí: Ed. Unijuí, 2009.

GRANDO, Belení S.; OLIVEIRA, Bruna Maria de; AGUIAR, Elcione Trojan de. **A produção do conhecimento sobre as práticas corporais indígenas e suas relações com os jogos indígenas do Brasil.**

LEITÃO, Rosani Moreira. **Educação e Tradição:** o significado da educação escolar para o Povo Karajá de Santa Isabel do Morro, Ilha do Bananal-TO. (Dissertação de Mestrado em Educação Escolar Brasileira, Universidade Federal de Goiás). Goiânia: UFG, 1997.

LIMA FILHO, Manuel Ferreira. Karajá de Aruanã. In: **Índios de Goiás:** uma perspectiva *histórico-cultural*. Goiânia: Ed. da UCG / Ed. Vieira / Ed. Kelps, 2006, p. 135-152.

MAUSS, Marcel. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia,** com uma introdução à obra de Marcel Mauss de Claude Lévi-Strauss. São Paulo: EPU, 1974, p. 211-233.

MEDINA, João Paulo Subirá. **O brasileiro e seu corpo:** educação e política do corpo. 5º ed. Campinas, SP: Papirus, 1990.

MELLATI, Julio Cezar. **Índios do Brasil.** 5ª edição – Brasília-DF: UnB, 1987. (p. 5-10).

MEDEIROS, Mara. **Didática e prática de ensino da educação física:** para além de uma abordagem formal. Goiânia: Ed. UFG. 1998.

SALERA JÚNIOR, Giovanni. **Índios Karajá no Estado do Tocantins.** Gurupi: 2009. 13 VII CONGRESSO GOIANO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE Ciência & Compromisso Social: Implicações na/da Educação Física e Ciências do Esporte .





SOARES, Carmem Lúcia (org.). **Pesquisas sobre o corpo:** ciências humanas e educação. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

